

# TERRA DE CASAS VAZIAS

Este livro foi selecionado pelo Programa Petrobras Cultural. O autor contou com uma bolsa de criação literária durante o processo de escrita do mesmo.

# TERRA DE CASAS VAZIAS

## André de Leones

Rocco

Petrobras Cultural  
Patrocínio



Copyright © 2013 by André de Leones

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA ROCCO LTDA.  
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar  
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ  
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001  
rocco@rocco.com.br  
www.rocco.com.br

*Printed in Brazil/Impresso no Brasil*

Preparação de originais  
Rosana Caiado

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

---

L576t Leones, André de, 1980-  
Terra de casas vazias / André de Leones.  
– Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

ISBN 978-85-325-2828-5  
1. Romance brasileiro. I. Título.

---

13-0044	CDD-869.93
	CDU-821.134.3(81)-3

---

Para Erwin Maack, que me apontou Jerusalém,  
e Marcelo Korn e Ilana Maor, que a personificaram.

E para Daniel Feltrin, que canta comigo.



“(...) tudo, tudo é distância.”  
*Amós Oz, Meu Michel.*





A primeira parte deste romance é também intitulada **Terra de casas vazias** e se passa em 2009. Nela, encontramos Arthur e Teresa. Eles vivem em Brasília. Tentam lidar com uma grande perda. No final, decidem fazer uma viagem.



## 1.

Teresa parou à entrada da cozinha. Estava descalça e vestia um roupão branco sobre uma camiseta preta na qual se lia, em letras amarelas, o nome de uma banda. O roupão estava aberto e a corda se arrastava pelo chão; ela cantarolava em voz baixa.

Arthur deixara os folhetos amontoados sobre a mesa. Todos os continentes representados em 26 folhetos coloridos repletos de desinformações. O mundo sobre a mesa da cozinha, ou uma ideia de mundo – vaga, superficial, estupidamente colorida.

Aquilo tudo parecia pesar.

É claro que não passava de um amontoado de papéis, mas Teresa não se surpreenderia caso os pés da mesa se dobrassem e ela viesse ao chão num estrondo. (Teresa sempre esperava que as coisas se dobrassem e viessem ao chão num estrondo.) Calou-se ao pensar nisso, e a música que cantarolava pareceu nunca ter estado ali. A mesa posta. De certa forma. Por assim dizer. Mesas, edifícios, pessoas. A mesa posta por Arthur. Era o jeito dele, seu *modus operandi*, deixar tudo jogado em vez de falar a respeito. Uma espécie de pragmatismo distorcido, ou pseudopragmatismo: as coisas ou estão ali, ou não estão; não percamos tempo discutindo sobre o que não está; o que não está à minha frente não existe; não posso nem preciso me preocupar com o que não existe.

À entrada da cozinha, Teresa pensava mais uma vez no que *não* estava à sua frente, no que cessara de existir. Aquilo que não existia mais ou deveria ter deixado de existir como que a habitava, era justamente o que estava nela, o que havia dentro dela.

Cruzou os braços, fechou os olhos por um instante.

Como esquecer, obliterar?

Mesas, edifícios, tudo dobrado e vindo ao chão num estrondo. E pessoas? Não, ainda não. Hoje, não.

Não agora.

Um pouco antes, cruzando a sala, teve a curiosidade de parar e olhar através da janela. Ainda podia fazer isso, não? Sim, um pouco que fosse. Parar e olhar para fora. Talvez estivesse melhor. Ou não, apenas um hábito difícil de perder. Você é a soma dos seus hábitos, dizia-lhe o pai. Todas as coisas ditas pelos pais e que não significam coisíssima nenhuma. Viu outra manhã de outono implausivelmente chuvosa. Um vento forte castigava as árvores do parque lá embaixo, do outro lado da rua, como se quisesse arrancá-las. Árvores migrando feito pássaros: algo inédito e ao mesmo tempo desolador. Ou desarvorador. Pressentiu um dia arrancado da companhia dos outros dias, fora do tempo, diverso, bastardo. Não um dia *melhor*, necessariamente. E, de resto, o que seria isso? Escancarar a janela, que o vento também a levasse embora. Abriria os braços. Veja: sem raízes aqui. Mas e Arthur? Às vezes, não conseguia se lembrar dele, levá-lo em conta, e sentia-se mal por isso. Que besteira, não? Fechou as cortinas. O vento lhe arrancaria os braços, e só. Permaneceria fíncada ali. Seu tronco, pelo menos. O tronco enraizado.

Na cozinha, Teresa finalmente se aproximou da mesa. Por quanto tempo permanecera à porta, temendo avançar ou re-

cuar, cantarolando e depois em silêncio? As árvores prestes a migrar atrás de si, lá fora. Arrancada da companhia dos outros. Fora do tempo. Sentou-se sem descruzar os braços. Estranho como as cores dos folhetos nada tinham a ver com os lugares a que se referiam. Um folheto verde para a Alemanha, um vermelho para a Argentina, um preto para o Japão e por aí afora. Ela aprendera a ligar esses e os outros lugares a cores bem diferentes das que via estampando a papelada sob seus olhos. Eles não podiam fazer melhor do que isso? Qual seria a dificuldade? Uma mísera olhada nas cores das bandeiras, e pronto. O mundo daltônico ou simplesmente cego. Ou talvez fosse ela que não enxergasse bem, não mais. As malditas cores nacionais. Vermelho-sangue para todos. Nossa história e as histórias dos outros. A Irlanda, por exemplo, sobreviveria sem a cor verde. Não? Desde que os irlandeses não soubessem, talvez. Mas azul? Imaginou uma senhora irlandesa passando os olhos por um folheto sobre o Brasil. Que cor teria? Magenta. Ou cinza. O dia lá fora. A imagem daquelas árvores quase desterradas pelo vento ilustrando a capa, a legenda: *árvores migratórias do Centro-Oeste brasileiro*. Não que essas coisas fossem mesmo importantes. Sua cabeça repleta de desimportâncias, bastarda em relação ao resto. Ao resto de seu próprio corpo, ao resto do mundo. O vento e as árvores lá fora, as cores dos folhetos sobre a mesa.

Descruzou os braços e desviou o olhar da mesa abarrotada para o aparelho telefônico grudado na parede. Como se pressentisse. Como se soubesse. Levantou-se. No momento em que o relógio do micro-ondas marcou oito horas, o telefone tocou. A voz de Arthur:

– Deu uma olhada?

Ela cruzou o braço esquerdo e apoiou nele o cotovelo direito. A mão segurava o telefone desajeitadamente, o bocal à altura do queixo.

– Acabei de levantar – disse.

– Dá uma olhada, tá? Deixei aí para você olhar.

– Eu sei.

– Pois é. Deixei aí para você olhar – ele repetiu, o tom de voz ligeiramente mais alto. Como se ela não tivesse ouvido da primeira vez. A voz ansiosa dele. – Peguei quase tudo que eles tinham e deixei aí.

– Eu percebi.

– Para você olhar.

– Já entendi essa parte.

– Eu sei, eu só queria...

– Ainda nem tomei meu café da manhã.

– Mas, olha, se você pensar em algum outro lugar, é só dizer.

– Acabei de levantar.

– Eles têm pacotes pra tudo que é lado.

– Meio que dormindo ainda.

– Tem lugar que a gente nem sabe que existe e eles têm pacote para lá.

Ela tentou imaginar como seria um lugar cuja existência ignorassem, mas logo desistiu. Não estava interessada. Mas, qual seria a cor do folheto de um lugar assim? A cor branca seria muito óbvia? Um copo de leite:

– Você comeu? Tomou café antes de sair? – Não que estivesse realmente preocupada com isso, com ele.

– Vai nos fazer bem. Você sabe disso, não sabe? Quer dizer, a gente concorda nesse ponto, não concorda?

Ela não respondeu. Ele continuou falando, repetindo aquilo tudo. Ela achou que o melhor seria se repetir também:

– Eu acabei de levantar.  
– Ei, a gente pode ir para Montevideú outra vez.  
– Montevideú?  
– Se você quiser.  
– Montevideú?  
– É. Montevideú.  
– Não quero ir para Montevideú.  
– Lembra quando a gente foi? Não foi tão bom, eu sei. Mas depois vieram me falar que a gente foi na época errada do ano.  
– Na época errada do ano? E quando é a época certa?  
– Eu não sei. Posso me informar, se você quiser.  
– Não, não precisa se informar.  
– Coisa rápida.  
– Não, não precisa fazer nada, pelo amor de Deus. Seja você. Você sempre ficou quieto, nunca fez nada. Não precisa fazer nada agora. Juro que não precisa. E não tem nada que eu queira fazer em Montevideú.

– Mas essa é a ideia – ele quase gritou. Tão animado. Depois se acalmou, e ela pôde ouvi-lo se ajeitando na cadeira e avançando sobre a mesa, os cotovelos deslizando sobre o tampo, para dizer quase num sussurro: – Essa é a ideia. Não fazer nada.

Exatamente, ela pensou. Não fazer absolutamente nada. Não falar, não se mover. Não respirar. Nada, nada. Mas como explicar para ele?

– Eu não... – Melhor nem tentar. Ainda assim: – Eu não...

O silêncio da espera dele. Você não o quê?:

– Você não o quê?

Quase sem se dar conta do gesto, desligou o telefone. O braço direito estendido, a mão encaixando o aparelho no gancho. A coisa mais simples do mundo. Mais simples e mais tranquila e mais boba e mais. Sussurrou um pedido de desculpas e sen-

tou-se à mesa outra vez. Percebeu ter pedido desculpas ao telefone. Por ter se separado dele assim. Por tê-lo empurrado, afastado de si. Que horror. Eu não devia ter feito isso com você. Me perdoa? Contou até cinco em voz alta. No momento em que disse *cinco*, o aparelho tocou outra vez. Arthur não parecia nervoso. Meu Deus. O que é que há com você? Qual é a porra do seu problema?

– Dá uma olhada – ele implorou. – Só isso. Por favor.

Ela fitava os folhetos quando concordou:

– Tá bom.

Esperou que ele desligasse para recolocar o aparelho no gancho. Não quero mais ter que pedir desculpas para você. Suspirou. Nunca mais.

Alguns pratos e copos amontoados dentro da pia. Os azulejos brancos começando a encardir. A pequena janela sobre a pia entreaberta e o vento frio se insinuando cozinha adentro. Um pouco de chuva caindo sobre a louça suja, alguns respingos.

Isso não vai adiantar muito, ela pensou enquanto levava as duas mãos aos cabelos loiros, agora curtos. (Arthur dizendo: – Gostei. Tê deixa mais nova.) Cortara os cabelos quarenta dias depois do acontecido porque Arthur tinha começado a dizer que ela precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa. Justo ele dizer uma coisa dessas e justo ela concordar, preciso fazer alguma coisa, qualquer coisa. Mas cortar os cabelos não ajudou muito. Não ajudou em nada. Ela não se sentiu mais nova ou melhor ou sequer diferente. Outra aparência, a mesma expressão enlutada. Aquilo não era nada, não significava merda nenhuma, os mesmos cabelos, só que mais curtos, é óbvio, assim como ela permanecia a mesma, só que menor, podada, alguém cujos braços tivessem sido arrancados.

Tiraram *isso* de mim. Vê?



Olhou a bagunça sobre a mesa antes de se sentar outra vez e organizar tudo em ordem alfabética: das Bahamas (roxo) ao Uruguai (amarelo). A mesa da cozinha como o balcão de uma agência de viagens. O que ele quer que eu faça agora? Um sorteio? Ligar para alguém e diz aí um número de um a 26. Ninguém para ligar. Ou talvez houvesse, mas ela não queria pensar em ninguém naquele momento. Então (Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?), o telefone pela terceira vez:

– Jantar hoje à noite? Na casa do senador?

Teresa sorriu. Quem por certo não se lembrava era ele. A secretária repassando a agenda do dia e ele fazendo o gesto característico de coçar o espaço entre o lábio inferior e o queixo com o nó do dedo indicador da mão direita. O melhor a fazer seria provocá-lo um pouco:

– O senador que está nos jornais?

Arthur respirou fundo. Era para ser tão simples.

– Ele é um senador – disse. – É claro que ele está nos jornais.

– Não, querido. Ele é um senador encrocado ou, melhor dizendo, um senador redondamente *fodido*. Então, sim, é claro que ele está nos jornais.

– Ele é o meu chefe.

– Por enquanto.

– Ele não vai ser cassado – ele suspirou.

– A questão não é essa – ela suspirou de volta.

– E qual é a questão? – o esforço (inútil) que ele fazia para que o tom de voz soasse normal. Ela sorriu. Já era o bastante.

– Certo – disse. – Qual é a ocasião?

– É aniversário do genro dele.

– Vai ser uma festa, o quê?

- Um jantar. Pouca gente.
- Quanto é *pouca gente*?
- Pouca.
- Quantas pessoas?
- Umas dez, acho que menos.
- Dez pessoas é muita gente.
- Não. Depende. Dentro de um elevador, sim, dez pessoas é muita gente. Num jantar desses, numa mansão no Lago Sul, não sei, acho que não.
- É. Tem razão. Num jantar desses, dez pessoas não é muita gente.
- Então. Te pego às oito.
- Às oito.
- Te amo.

Ela disse que o amava também, mas depois de desligar. Sem se dar conta. Como se falasse para o aparelho telefônico, de novo. Encolheu os ombros, abriu um meio sorriso. Pensou em ligar para ele e dizer eu também te amo, você sabe. Não sabe? Sim, ele sabia. É claro que ele sabia. Então, por que ligar e dizer? As pessoas dizem que é importante. Dizer que ama, quando se ama. Dizer que tudo vai ficar bem, quando é câncer. O meio sorriso evoluiu para um sorriso inteiro. Por alguma razão, a palavra *câncer* sempre fazia com que ela sorrisse. Talvez porque se lembrasse da mãe. Era saudade, então. Um sorriso agridoce pelo tumor que te comeu inteira ou quase inteira e que um dia vai voltar para me comer também. A minha herança. Um sorriso-brinde à sua ausência. A pessoa vai embora e o que fica? A lembrança do tumor. Era saudade, sim. Ou não. Não era nada. Balançou a cabeça, resetou os pensamentos. Vazia outra vez.

Voltou à mesa e leu, sem o menor interesse, cada um dos folhetos.

E se o telefone tocar outra vez? Levantar e sentar e levantar e sentar e. Que raio de missa celebramos aqui? Talvez fosse melhor ir à sala e pegar o telefone sem fio. Talvez fosse melhor continuar sentadinha e rezar a Deus que movesse o telefone sem fio até ela. O Senhor me deve isso. O Senhor me deve muito.

Deus é fiel?

Não escolheu folheto algum porque não tinha a intenção de escolher folheto algum, ou porque, depois de um tempo, tinha esquecido a razão de estar ali passando os olhos por aqueles papéis de cores esdrúxulas. A aluna desinteressada e seu dever de casa. Dá uma olhada nos folhetos, ele pediu. Implorou. Justo o que ela fazia, dava uma olhada. Quando terminou de ler o último, não se lembrava dos outros, não se lembrava sequer do imediatamente anterior. O mundo girando diante dela, das Bahamas ao Uruguai, e ela completamente fora dele. No vácuo. Voltar ao princípio? Rerler ou, finalmente, ler de verdade? Sentiu-se um pouco tonta. Oito horas e quarenta e seis minutos e o estômago ainda vazio. Um cômodo desocupado em seu corpo, espaço a ser preenchido, no que a imagem óbvia do quarto do filho lhe veio à cabeça. Levou a mão direita ao ventre como se um grito fosse sair dali (por onde, meu Deus?) e ela quisesse impedir que os outros (quem, meu Deus?) ouvissem; pressionou a barriga, alguém que tivesse levado um tiro e tentasse estancar o sangramento. Mas o que é isso que eu estou sentindo agora? Sabia muito bem o que era, mas reduziu ao mínimo, à desimportância: era fome. Mesmo não sendo fome o que a trespassava, ou talvez exatamente por isso. Porque agora tinha algo a fazer, algo com o que se ocupar. Teria de se levantar e ir até o quarto e se despir e adentrar o banheiro e abrir o chuveiro e checar a temperatura da água com a mão, talvez sentar-se na privada e urinar antes de ir para baixo

d'água, enxaguar o rosto, molhar os cabelos agora curtos, faz você parecer mais nova, talvez aproveitar para lavá-los, o cara-lho que faz, quando foi a última vez que os lavou?, não, melhor deixar para mais tarde, quando fosse se arrumar para o jantar, tomar banho e enxugar-se com a toalha que estivesse à mão, voltar ao quarto e escolher uma roupa qualquer e calçar um par de tênis e sair antes que Glória chegasse, não queria vê-la, dizer bom-dia, ouvir bom-dia, passar instruções, limpa os azulejos da cozinha? estão começando a encardir, não passar instrução nenhuma, faça o que quiser, o que achar melhor, não queria ver Glória, não queria ver ninguém.

Afastou de si a pilha de folhetos. Deixou a cozinha, arrastando a corda do roupão pelo chão. Cruzou a sala sem olhar na direção das janelas. As árvores do parque lá embaixo, do outro lado da rua, talvez já tivessem sido arrancadas pelo vento, migrado, não houvesse nada além de um grande espaço desolado, o lugar de uma guerra terminada há pouco, um não lugar-de-vastação.

As janelas tremiam.

## 2.

Garoava quando Teresa deixou o prédio. A visão através das lentes dos óculos escuros impossibilitada em questão de segundos, o mundo mais e mais embaçado e disforme. Esperou até que tudo se transformasse em um borrão para tirar os óculos e encaixá-los na blusa, junto ao pescoço. Não precisava deles, na verdade. O dia tão escuro. Em seguida, cobriu a cabeça com o capuz, colocou as mãos nos bolsos da blusa de moletom e saiu pela calçada. Uma adolescente cabulando aula. Dia útil para os outros, não para mim. Seus passos eram incertos, como se tivesse bebido um pouco, e caminhava olhando para o chão, com medo de tropeçar no pavimento cheio de buracos, rachaduras, poças d'água, entulhos. Estava agora a favor do vento, o que não era ruim. O vento investia contra as suas costas e era como se a empurrasse. (Veja: sem raízes aqui.) À sua esquerda, do outro lado da rua, as árvores do parque ainda se dobravam. Lembravam pessoas se alongando antes de correr num domingo ensolarado. Evitou olhar para as árvores. A mesma sensação desoladora que tivera ao observá-las pela janela da sala, de que elas migrariam a qualquer momento. Não queria vê-las indo embora. Ou talvez elas apenas se dobrassem até quebrar. (Tudo se dobra e vai ao chão num estrondo, de um jeito ou de outro, mais cedo ou mais tarde.) Não queria vê-las se dobrando até quebrar. Não queria ver nada,

mas um trecho menos acidentado da calçada permitiu que levantasse a cabeça. A cidade ao redor como que interditada, ninguém à vista. O cenário desolado de um filme apocalíptico. O mundo acabou: agora, podemos viver. Mas não havia ruínas. Os prédios, inteiros, se repetindo a distâncias regulares. Brasília, ora essa. Tudo em Brasília se repete a distâncias regulares. Fim do mundo, mas um apocalipse higiênico que extinguisse a vida humana, não as edificações. Todos os apartamentos vazios, como os de um prédio terminado e nunca inaugurado. Silenciosa e tranquila terra de casas vazias. Por alguma razão, isso lhe pareceu justo. Deus estala os dedos e desaparecem os seres, deixando os prédios intactos: concreto deiforme. Justo e agradável, sim. Glória a Deus nas alturas. Ao Senhor, que matou o próprio filho e também o meu. Também o meu. Respirou fundo. Não se sentiu melhor. Qual é a porra do Seu problema? Arrancando os filhos de suas mães. Disseram a ela que não pensasse nisso. Não pensasse nessas coisas. Não pensasse. Todos, sem exceção. Mas como não? Quando a falta é o que há. Quando tudo se reduz à ausência. Creio Em Deus Pai Todo-Poderoso Criador Do Céu E Da Terra E Em Jesus Cristo Seu Filho Unigênito Nosso Senhor etc. *Seu Filho Unigênito*. Tenta não pensar nisso, disseram. É difícil, quase impossível. Mas tenta. Para não enlouquecer. Para se recompor. Para seguir em frente. Você e Arthur. Ele precisa de você. Que infantil, ela pensou. Tudo, tudo isso. Do começo ao fim, afora e adentro. Pensar ou não pensar, seguir em frente ou não. Que besteira, que.

Tropeçou.

Uma rachadura na calçada, o tropeço e ela caindo de joelhos, as duas mãos ainda nos bolsos. Soltou um gemido, a boca mal se abriu. Não deu com a testa no chão por muito pouco.

Levantou-se com dificuldade. Dois pequenos rasgos na calça, os joelhos agora poderiam enxergar o que estivesse à frente. Dois olhos vermelhos bem no meio das pernas. O moletom preto, quase não se percebia. Algumas lágrimas rolaram, poucas. Mais pelo susto. Esperou que o tremor nas pernas passasse. Então, seguiu viagem, mais do que nunca concentrada no chão.

(Qual é a porra do Seu problema?)

Logo chegou à galeria, um pequeno amontoado de salas comerciais: o escritório de uma imobiliária, uma lanchonete, uma panificadora, um salão de beleza, o consultório quase sempre fechado de um dentista e um pequeno mercado. Na entrada da panificadora, havia uma prateleira com os jornais do dia e algumas revistas. As manchetes dos jornais eram todas sobre o anfitrião daquela noite. Brasília, ora essa. Ela pegou um dos jornais, os joelhos ardiam, escolheu uma mesa e se sentou.

Ficou olhando a foto na primeira página. O senador saindo apressado de uma comissão, cercado por assessores, seguranças, jornalistas. Atrás dele, compondo aquela espécie de cordão de isolamento, estava Arthur. Pelo terno e pela cor da gravata, identificou o dia em que fora tirada a foto: sexta-feira. Arthur estava cabisbaixo, carregando uma pilha de papéis junto ao peito, ladeado por um segurança enorme, a 3 centímetros da lente de uma câmera cujo flash dispararia a qualquer momento. Meio desfocado. O foco, obviamente, estava no senador. Ele tinha um dos braços estendidos para abrir caminho. Altivo, apesar de tudo. Olhos fixos adiante, para além da massa que o cercava, dos jornalistas tentando arrancar dele uma declaração, duas palavras, qualquer coisa. Ela voltou a se concentrar em Arthur. Cabisbaixo, desfocado. Um figurante no meio daquela confusão, ou nem isso. Os seguranças e os demais jornalistas,

sim, eram figurantes. Estavam no quadro, ajudavam a compor a cena. Arthur também estava no quadro, é evidente, mas não compunha coisa alguma. Uma ausência, um fantasma. Ali como em qualquer outro lugar. Em casa, à mesa do jantar, ou mesmo no quarto com ela, dentro dela. Uma ausência que me penetra, que entra aqui em mim. O sopro de um fantasma por entre minhas pernas. Onde é que você está? Com quem? Fazendo o quê? Ela fechava os olhos e esperava. Por mais inútil que fosse, esperava. Ele vinha, mas era como se não viesse, nunca viesse. Ou talvez seja eu. Os folhetos amontoados sobre a mesa da cozinha, a ideia de uma viagem, a insistência, três benditas ligações. Sim, talvez seja eu.

Olhou ao redor, esquecida por um segundo de onde estava e por quê. Era a única pessoa ocupando uma mesa no lugar. Duas funcionárias conversavam detrás do balcão. Você veio aqui para comer. Levantou-se e foi até o balcão.

– Café puro, por favor. E dois pães de queijo – pediu a uma das moças.

– A senhora vai levar ou comer aqui?

– Comer aqui. Ali – apontou para a mesa, o jornal aberto sobre ela.

– Eu levo para a senhora – disse a moça.

– Eu também peguei um jornal.

– A senhora quer um jornal?

– Não, eu peguei um quando entrei, estou só te dizendo. Não paguei por ele ainda.

– A senhora acerta tudo quando sair.

No banheiro, arriou a calça e se sentou no vaso sanitário. Limpou os dois joelhos com cuidado, usando pedaços de papel higiênico. Dois arranhões pequenos ardendo terrivelmente.



A idiotice de soprar, coisa que só aumentava a ardência; soprou assim mesmo. E sorriu enquanto soprava, os olhos lacrimejando. Uma criança faria isso. Levantou-se e vestiu a calça com cuidado. Os dois rasgos, alguma lama. Enxaguou o rosto, lavou as mãos e saiu.

À mesa, enquanto esperava, começou a pinçar algumas palavras do jornal: “escândalo”, “desvio”, “senador”, “denúncia”, “renúncia”. Gostava particularmente de “desvio”. Explicava tão bem aquilo tudo. Não só o escândalo, o senador, a política, Brasília, mas todas as coisas, o universo inteiro, toda a maldita Criação.

Que tal lhe parece *tudo*? Um desvio.

A moça trouxe o pedido e perguntou se queria algo mais. Não queria. Provou o café, satisfeita. Glória já teria chegado àquela hora? Nove e vinte e três da manhã. Atrasadíssima. O pequeno Arthur gostava dela. Todos gostavam do pequeno Arthur. Não gostavam? Pensou em ligar para ela, saber o motivo da possível falta. Você não veio, diria para, em seguida, ouvir com desatenção o que ela dissesse. Doença. Viagem repentina. Morte em família. Qualquer coisa. Qualquer desculpa. Ligar ou não ligar? Não ligar. De repente, foi como se soubesse, adivinhasse. Outro pressentimento. Mordeu o pão de queijo, mastigou com os olhos fechados. Tomou outro gole de café. Ela talvez tenha ligado para Arthur, e Arthur, para casa. A quarta ligação do dia. Mas não estou lá. Boa menina. O pequeno Arthur gostava muito dela. Indo ou voltando com ele da escola, à mesa do almoço, saindo para passear, as poucas quadras até a academia de natação. Mãos dadas. Gostava muito dela. Ele, que não está. Que não é mais. Enrolou o segundo pão de queijo em um par de guardanapos e, no caixa, pediu uma sacola.

– Não esquece de cobrar o jornal – pediu.

Deixara sobre a mesa, aberto. Não levaria consigo. Por que levaria? A moça, outra, não aquela que a atendera ao balcão, a moça sorriu.

A garoa tinha parado, mas o vento parecia mais forte. O plano era dos mais simples: voltar para casa, tomar um ou dois comprimidos, um e meio, o médico pedira que não tomasse dois, e dormir até o final da tarde, quando teria de se levantar a fim de comer alguma coisa, talvez aquele segundo pão de queijo, e se arrumar para o jantar. Comer alguma coisa, arrumar-se. Ninguém em casa. Um dia a menos num piscar de olhos. Perfeito.

De fato, ninguém em casa. A sexta falta em dois meses. O pequeno Arthur realmente gostava dela. Mãos dadas. Os olhos dela, parados. Como que tornados vidro repentinamente. Tão concreta ali, e de súbito – cinzas. Uma parte dela indo embora com o garoto. Uma parte de todos nós.

Glória talvez tivesse ligado para Arthur e dito eu sinto muito, muito mesmo, mas não posso mais, seu Arthur, não consigo. Vendo fantasmas? Um desvio, por certo. Depois outro. E depois outro. E assim sucessivamente. Caminhando em círculos, ao redor daquela ruína. Ou não, eles próprios a ruína. Sim, arruinados. Sim, vendo fantasmas. Não posso mais, ela teria, terá dito. Como não? Como você pode me deixar aqui sozinha? Como você *pôde*?

Fechou a porta do quarto e, sentada na cama, descalçou o par de tênis.

O copo com água sobre o criado-mudo, o mesmo da noite anterior, ainda pela metade.

Ela despiu o moletom e olhou para os joelhos arranhados. Joelhos de criança. Pequenos, arranhados. *O que é que você andou aprontando?*

Abriu a gaveta do criado-mudo. Já havia um comprimido pela metade. Por um momento, pensou se não seria mesmo o caso de tomar dois. Melhor não, ainda o maldito jantar pela frente. Tomou um e a metade de outro, deitou-se na cama desarrumada e se cobriu como pôde.

### 3.

Arthur acordou pensando em Rita naquela manhã. Isso vinha acontecendo com certa frequência, na verdade.

Não é que ele sonhasse com a ex-mulher, os dois circulando pelo apartamento em que viveram na Asa Sul, perdidos inadvertida (um à procura do outro) ou propositalmente (um se escondendo do outro), ou mesmo deitados na cama, ele fodendo aquela com quem estivera por 22 meses antes de conhecer Teresa. Ele não costumava sonhar, fosse com ela ou com qualquer outra pessoa, e o que sentia naquelas manhãs tampouco tinha a ver com desejo sexual, não cogitava reencontrar a ex-mulher e, juntos, anularem por um momento e carnalmente a distância imposta pelos anos desde a separação. Aquilo, em suma, não era saudade ou tesão, era outra coisa, algo que ele ainda não entendia, mas que o assustava terrivelmente – não sabia o que era nem queria descobrir, queria apenas que parasse, que não acontecesse mais.

Ele acordava, ela estava ali. Não a queria ali; ele próprio não queria estar em lugar algum, só queria esquecer, que essas coisas todas passassem, pensava que seria ótimo se tudo se afastasse e guardasse alguma distância, pessoas, objetos e o que mais houvesse, o passado e o presente (e o futuro também, pelo menos por um tempo), um círculo vazio se formasse ao seu redor, um círculo no meio do qual ele pudesse simplesmente se sentar e, também esvaziado, longe de tudo, sem enxergar mais nada,

mais ninguém, não pensar em coisa alguma. De certa forma, Teresa parecia conseguir isso, tal distanciamento, tal esvaziamento, ainda que momentâneos; mas não ele, Arthur não conseguia.

E, naquela manhã, Rita assomando outra vez à sua cabeça, o que ele viu assim que abriu os olhos foi Teresa dormindo ao seu lado, encolhida, as mãos tapando o rosto, como quem esconde um sorriso ou sente vergonha por alguma coisa que apenas ela poderia dizer o que era.

Quase não a ouvia respirar.

Com os remédios que Teresa vinha tomando, Arthur poderia se levantar e, cantarolando bem alto, acender todas as luzes, tomar banho com a porta do banheiro escancarada e se vestir de pé em cima da cama que não a acordaria. No entanto, ele sempre procurava se levantar sem estardalhaço, caminhar até o banheiro e fechar a porta o mais silenciosamente possível, e também tinha o cuidado de, na véspera, levar para lá as roupas que vestiria. Assim, ele estava de banho tomado, barba feita e inteiramente vestido quando deixou o banheiro e olhou de novo para Teresa: ela não tinha se mexido um milímetro sequer. Sentiu vontade de engatinhar até ela e beijá-la no rosto, de leve, embora (ou porque) soubesse que isso tampouco a despertaria, mas se limitou a pegar o telefone celular que estava sobre o criado-mudo e sair.

A pasta estava onde ele a jogara na véspera, no sofá da sala. Ele a abriu, pegou o bolo de folhetos que conseguira no dia anterior, na agência de viagens, foi até a cozinha e os deixou sobre a mesa, amontoados.

Tinha planejado chegar em casa e ver os folhetos junto com Teresa, torcendo para que ela escolhesse um destino, qualquer que fosse, aqui, vamos viajar para esse lugar, mas ele não con-

seguiu sequer tocar no assunto após adentrar o apartamento e encontrá-la dormindo no quarto do menino, no chão, completamente dopada, é claro.

Depois de carregá-la até a cama, pensou que não era possível, devia haver alguma coisa que pudesse fazer, qualquer coisa, mas o quê?

Ela só acordaria às onze e meia da noite e, desorientada, ao vê-lo na sala, diante da TV, esfregaria os olhos antes de perguntar:

– Mas o que é que você está fazendo em casa a essa hora?

Inútil se dar ao trabalho de explicar ou mesmo de mostrar que já era noite. Pediu uma pizza de marguerita, o sabor predileto dela, a alegria de vê-la comer três pedaços inteiros antes de voltar para o quarto, tomar mais alguns comprimidos e apagar outra vez.

– Qualquer coisa, é só me chamar – ela disse pouco antes de apagar. Ele tinha desligado a televisão e também se deitara.

– Estou bem aqui, querido. Estou bem aqui.

Mesmo sem recorrer à farmacologia, Arthur adormeceu rapidamente, como se perseguisse Teresa e tivesse a esperança de encontrá-la do outro lado e ficar mais um pouco com ela. Algum tempo juntos, para variar, mas juntos de verdade, como havia muito tempo não acontecia. Depois de um sono desprovido de sonhos, entretanto, acordou pensando na ex-mulher.